

ENSINAR INCLUSÃO POR MEIO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: “A TURMA DA MÔNICA” EM SALA DE AULA

TEACHING INCLUSION THROUGH COMICS: “A TURMA DA MONICA” IN THE CLASSROOM

Leonardo Paiva¹

Lilian Bento²

RESUMO: Este artigo objetiva compreender como a inclusão escolar de pessoas com deficiência pode ser debatida em sala de aula do ensino infantil. Propõe-se utilizar as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, como estratégia de discussão para conscientização sobre a inclusão. Para isso, são utilizadas histórias em que as deficiências são retratadas na narrativa. Além disso, a articulação entre o lúdico (histórias em quadrinhos) e o teórico (políticas públicas e pedagogia), quando adequadamente planejada, pode servir como ferramenta didática nas escolas, sobre a importância da inclusão de pessoas com deficiências.

Palavras-chave: Deficiências. Ensino. Inclusão. História em quadrinhos.

ABSTRACT: This article aims to understand how school inclusion of people with disabilities can be discussed in the classroom of early childhood education. It is proposed to use the comic books of Turma da Mônica, by Mauricio de Sousa, as a strategy of awareness and discussion. For this, the stories used are those in which the disabilities are portrayed in the narrative. In addition, the articulation between the playful (comic books) and the theoretical (public policies and pedagogy), when properly planned, can serve as an awareness tool, in schools, about the importance of including people with disabilities.

Keywords: Disabilities. Teaching. Inclusion. Comics.

Introdução

O campo escolar tem um grande desafio: conseguir mobilizar os alunos e as alunas. Entretanto, qual o desafio nisso? A questão é mais complexa do que aparenta ser em um primeiro momento. Estudantes do século XXI não compreendem, muitas vezes, a linguagem das práticas pedagógicas de seus professores e de suas professoras – experientes, muitas vezes, em metodologias defasadas e tradicionais, além de mal remunerados. Este fato pode ser compreendido porque os currículos escolares e as metodologias pedagógicas não correspondem à realidade dos alunos e das alunas. Quando foram pensados no passado, podem até ter resultado em efeitos esperados, no entanto, tornaram-se antiquados. Com isso, não se quer defender que toda nova criação pedagógica seja boa, não obstante, a pedagogia deve ser revisada. Posto isto, pode-se afirmar que “educar significa introduzir a cunha da

¹Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: leopaiva3112@gmail.com

²Doutora em Ciências da Educação pela Universidad de la Integración de las Américas. Professora de História da rede municipal da cidade de João Pessoa/PB. E-mail: bento.lilian@gmail.com

diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto” (SILVA, 2004, p. 101).

Vive-se em uma sociedade plural e diversificada (BHABHA, 1998). Por isso, uma das maneiras mais eficazes de se apresentar aos alunos e alunas a heterogeneidade do patrimônio cultural e de outros modos de vida é por intermédio das histórias em quadrinhos (HQs). O educador ou a educadora pode apresentar várias HQs para manifestar a cultura, as práticas e a mentalidade de determinado grupo retratado na narrativa, ampliando o horizonte intelectual da turma (CARVALHO, 2006).

As revistas da Turma da Mônica, produzidas por Maurício de Sousa, atingiram um expressivo patamar quanto à sua difusão nos mercados editoriais nacional e internacional. Esse aspecto possibilita a popularidade dos personagens da Turma entre o público infanto-juvenil. A notoriedade desses personagens é tão impressionante que a Mônica foi declarada embaixadora da UNICEF, em 2007, no Brasil, graças à “influência que exerce sobre crianças, professores e famílias, tendo ajudado, ao longo de mais de quarenta e quatro anos, a transmitir valores como a amizade, a importância da educação, da convivência familiar e comunitária” (MPPR, 2007).

As instituições de ensino terão de atender cada vez mais à demanda e à necessidade de pais, mães e estudantes, seja por meio da efetivação de políticas públicas, projetos pedagógicos ou decisões judiciais. Uma educação de maior qualidade e capaz de inserir alunos e alunas com deficiência deveria ser prioridade dentro do sistema educacional. Desse modo, deve ser urgente a participação efetiva de uma escola que assuma adequadamente a formação de seus estudantes, onde as políticas de inclusão possam ser postas em prática.

Sentidos da inclusão

A inclusão escolar, especificamente, integrante da inclusão social, mobiliza os conceitos, perspectivas e interpretações apresentados ao longo do texto. O que se apreende como exclusão e inclusão sociais varia conforme os contextos sociais e históricos observados. Como afirma Skliar (1999, p. 16), “as fronteiras da exclusão aparecem, desaparecem e voltam a aparecer, se multiplicam, se disfarçam; seus limites se ampliam, mudam de cor, de corpo, de nome e de linguagem”.

A inclusão de estudantes com deficiência na escola expressa uma verdadeira transformação no campo educacional, um passo imprescindível para que se alcance também à inclusão social. Esses fatores estimulam educação inclusiva de modo que se torne qualificada, pública e democrática. Um espaço onde a pluralidade possa nortear as pessoas para que

transcendam os limites da inclusão atingindo a meta de uma sociedade igualitária para todos. “A construção de uma sociedade inclusiva torna-se fundamental para a consolidação e desenvolvimento do estado democrático, em que a educação inclusiva é uma parte integrante e essencial” (MATOS; MENDES, 2014, p. 38).

A educação escolar deve funcionar como um processo de aproximações, como consequência da realidade em que os alunos e alunas estão inseridos, fundamentada em um diálogo constante entre os indivíduos em uma permanente troca e aperfeiçoamento de conhecimento. Isto quer dizer que não existe um conhecimento pronto, pois, as pessoas têm diversas chances de construir o aprendizado, tendo suas experiências como apoio para que as aprendizagens surjam, dentre elas, da inclusão de pessoas com deficiência.

Os processos de inclusão de indivíduos com deficiência no sistema público de ensino podem ser concretizados, servindo como instrumento de consolidação da democracia (BEZERRA, 2017). Posto isto, urge a responsabilidade quanto à inclusão escolar para que se torne parâmetro para constituição e efetuação de políticas e programas educacionais, assumindo compromissos pedagógicos democráticos no tocante às minorias historicamente marginalizadas do sistema de ensino (COSTA, 2012).

A inclusão escolar se refere a proporcionar oportunidades de aprendizagem a todos estudantes. Depende de que os programas curriculares, portanto, sejam modificados sempre que necessário, a fim de fornecer informações relevantes bem como atividades desafiadoras para os alunos e as alunas. Significa ser flexível, adaptando os conteúdos se necessário. Pode haver alunos ou alunas que não atinjam os níveis esperados. Para esses indivíduos, um maior grau de cuidados pode ser importante.

Quando o espaço escolar não é discriminatório, ou seja, não diferencia os educandos por meio do que se considera incapacidade ou dificuldade de aprender ou se relacionar, existem oportunidades de aprendizado dos estudantes com e sem deficiência (CROCHIK, 2012). Os alunos e alunas com deficiência, por identificação com o restante da turma, podem aprender mais, dada a convivência com as diferenças. Por sua vez, o convívio de estudantes sem deficiência com sujeitos diferentes de si pode favorecer uma maior conscientização a respeito da multiplicidade de pessoas na sociedade e a importância de incluí-las ao meio em que vivem, o que é um passo significativo contra as manifestações de ódio e discriminação.

No Brasil, a maioria das alunas e alunos com deficiência está inserida no sistema regular de ensino, todavia, ainda existe um número expressivo de matrículas na educação especializada. Além disso, é complexo determinar quantos possíveis estudantes com deficiência estão de fora de qualquer sistema de ensino, uma vez que existem dificuldades

para se colher dados; pais que decidem não matricular seus filhos (seja por quais razões forem); instituições de ensino que dificultam a matrícula etc. O cumprimento dos processos para a inclusão escolar expressa que todos os indivíduos estejam matriculados em instituições de ensino regulares, prática que não tem sido executada de modo integral (CROCHIK, 2012).

Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos fornecem proveitosas oportunidades para enriquecer o processo de alfabetização dos alunos e alunas (VERGUEIRO; RAMOS, 2009b). Elas são, entretanto, tudo menos simples. As relações articuladas entre imagens, textualidade e cenários estimulam o pensamento analítico. Com a possibilidade de trabalhar as HQs com os alunos e as alunas em sala de aula, ensinam-se técnicas de interpretação de texto necessárias para a compreensão do que é encontrado em seu cotidiano.

As histórias em quadrinhos, produção bastante difundida entre o público infantil, geram grande interesse nesse público de leitores. As maneiras como os personagens são representados são compreendidas por parte das crianças. Do mesmo modo, a possibilidade de seguir a narrativa a partir de imagens é outro aspecto que chama atenção de seus leitores (SARACENI, 2003). Elas são espaços de articulação entre o imagético e o textual, o erudito e o popular, por conseguinte, apresentam um aspecto híbrido. As HQs, ao longo de sua história, se transformaram em elementos da cultura contemporânea, incorporando-se ao jornalismo e às artes e ocupando espaços no mercado editorial (CANCLINI, 1997).

As HQs se transformam em alternativas dentro do espaço escolar, em todos os seus níveis. Trabalhar com histórias em quadrinhos é um recurso didático que os educadores e educadoras devem preparar minuciosamente. Seu uso em sala de aula não deve ser uma estratégia que estaria entre atividades de passatempo. Seu uso requer um planejamento rigoroso, quando o docente deve considerar claramente quais os temas serão tratados com os estudantes. O conhecimento das técnicas de composição das HQs também faz parte da preparação pedagógica (RAMA; VERGUEIRO, 2010).

A imagem é integrada a uma história concreta. Na maior parte dos casos, trata-se de alguns personagens que vivenciam uma experiência ou um acontecimento. É muito útil, se for possível, que as histórias em quadrinhos utilizadas durante as aulas transmitam uma situação real que provoque, motivando aos alunos e alunas a pensar sobre determinada situação. As HQs devem instigar, levando a reflexão aos estudantes/leitores (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

A maior dificuldade, talvez, é ter noção de como utilizar as histórias em quadrinhos como instrumento pedagógico em sala de aula. Com a instrução adequada, todavia, educadores e educadoras poderão recorrer a diferentes possibilidades que a linguagem das HQs permite que sejam apresentadas como ferramenta didática (CARVALHO, 2006).

As histórias em quadrinhos também podem ser um meio de representar questões sociais bem como culturais, grupos de pessoas ou focar somente em um indivíduo, investindo em estratégias estéticas e discursivas com a finalidade de produzir uma representação fundamentada em interpretações, hábitos, subjetividades e contingências (MENDES, 1990; VILELA, 2008). As HQs se aproveitam de aspectos fragmentados da existência para engendrar algum sentido à vida das pessoas descritas em suas páginas, criando identificação com seus leitores (NORTON, 2003).

A Turma da Mônica é um bom exemplo da presença de convenções artísticas nas HQs. Isso é claro quando o autor da Turma afirma, em entrevista ao jornalista Celso Masson, da revista IstoÉ, em 2017, que “todo mundo conhece alguém como a Mônica”, ou seja, a familiaridade com os personagens permite um reconhecimento sobre aquela arte. Apesar da economia de informações em um estilo simples e colorido de desenhos, a Turma da Mônica tem sido estudada como instrumento de divulgação de posicionamentos políticos (MENDES, 1991), como estratégia ligada a causas sociais e recurso pedagógico para alfabetização e aperfeiçoamento de leitura (CARVALHO, 2006; VERGUEIRO; RAMA, 2010).

Inclusão por meio das HQs

Os quadrinhos possibilitam a emergência de experiências narrativas para os alunos e alunas que estão desenvolvendo hábitos de leitura. Os estudantes começam a ter noção de uma continuidade narrativa com começo, meio e fim; além do enredo, dos personagens, do tempo, bem como a composição das histórias. As imagens apoiam o texto, fornecendo aos alunos e alunas indícios contextuais importantes para a compreensão das palavras. As HQs agem como um apoio para o entendimento do discente/leitor.

O entretenimento, o lúdico e a solidariedade tipificam em algumas HQs, colaborando para a formação de cidadãos (SANTOS, 2002), sendo capazes de modificar seu pensamento em relação às deficiências, por exemplo, passando a enxergar situações de preconceito e marginalização, aspectos invisíveis antes de uma conscientização e reeducação. A comicidade, os dramas e a sensibilidade que compõem algumas HQs auxiliam na formação de indivíduos capazes de interpretar o meio em que vivem, as suas experiências, as contradições e as situações presentes em seu cotidiano.

O importante é o indivíduo que pretenda trabalhar sistematicamente com as histórias em quadrinhos se questionar: quais as possibilidades de uso desta HQ? A que grupo etário e escolar ela é mais apropriada? Como abordar a história em quadrinhos dentro da disciplina? Os alunos e as alunas já têm experiência com esse tipo de linguagem? Em suma, estas e outras indagações precisam ser frequentes na tentativa de planejar o uso das HQs em sala de aula, com flexibilidade para se descobrir outras possibilidades (VERGUEIRO; RAMA, 2010).

Uma das motivações mais comuns para o uso das histórias em quadrinhos na escola é o equívoco de que as imagens motivam, gerando interesse em estudantes desinteressados e apáticos ao processo de ensino. Essa concepção, caso surja em ambiente escolar, precisa ser combatida e desconstruída. Deve-se ter em mente que a falta de participação de alunos e alunas nas atividades é uma consequência da articulação de diferentes fatores culturais, sociais, familiares, institucionais, não se limitando aos problemas escolares e docentes. Claro que esses dois elementos – escola e docente – têm um papel fundamental, mas não explicam, sozinhos, a crise na educação. De forma veemente, afirma-se que o uso de histórias em quadrinhos durante as aulas não sanará os problemas decorrentes das crises vividas no espaço escolar. Do mesmo modo, não gerará, de forma automática, interesse ou conscientização quando à importância da inclusão escolar.

Quando professores e professoras decidem incorporar, em suas aulas, histórias em quadrinhos com forte conteúdo social, o efeito pode ser marcante para os alunos e alunas. Além disso, em uma aula que se proponha a tratar da inclusão, sob uma perspectiva teórica e prática, as HQs escolhidas devem ser as mesmas para alunos com e sem deficiências (DALL'AGNOL, 2008). Pode ser importante para os estudantes com deficiência ver como são caracterizados nas histórias e para o restante da turma conhecer mais da vivência desses sujeitos. O material utilizado durante as aulas deve ser benéfico para alunos e alunas com e sem deficiência.

Nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, em que aparecem personagens com deficiência, as imagens funcionam como estratégia de poder por meio de códigos justapostos em narrativas de superação e heroísmo, um prolongamento das representações das maneiras de se encarar as pessoas com deficiência como sujeitos sem falhas. As representações populares das deficiências pela mídia também mereceriam uma análise à parte, como interpretações sociais que contribuem na conservação de identidades dominantes, geradoras de concepções que respaldam as relações sociais.

Em um quadro da HQ, publicada em 2011, a história se passa dentro de uma sala de aula, sob orientação da professora. Esta explica sobre a inclusão social para seus alunos e também comenta acerca de quão prejudicial é o preconceito entre as pessoas.



Figura 01 – Professora explica sobre inclusão

Fonte: SOUSA, 2011

Na história, descreveram-se as características e as dificuldades encontradas no dia a dia de pessoas com deficiência nos espaços que precisam frequentar. Trabalhando tanto com as imagens apresentadas quanto com a narrativa feita, o educador ou a educadora pode apontar aspectos da inclusão social de pessoas com deficiência e suas principais dificuldades. A partir disso, complementar as informações, instigando a curiosidade dos alunos e das alunas para que tenham noção da importância da prática da inclusão.

A surdez é uma das representações que está presente nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Em uma revista especial publicada sobre a inclusão social, em determinado momento ela se torna o foco da narrativa (SOUSA, 2011).

Nas histórias da Turma da Mônica em que a inclusão é apresentada, usam-se termos como deficiente\deficiência auditivo e surdo\surdez. A designação “deficiente”, entretanto, costuma ser rechaçada por pessoas com deficiência auditiva por ser um produto de representações elaboradas por setores médicos, os quais compreendem que aquele grupo de indivíduos são doentes, precisando de tratamento, o que acaba gerando graus de surdez (leve, moderado, severo) (CARDOSO 2016). A utilização do termo deficiente auditivo se articula com o emprego de práticas que procuram normalizar esses indivíduos aos modelos linguísticos mais reconhecidos na sociedade, englobando abordagens sistemáticas de oralidade. A expressão, tão frequente nos discursos de inclusão, acentua, de alguma maneira, os discursos e estereótipos sobre a deficiência auditiva, tratando-se de perspectivas idealizadas por uma interpretação médica da deficiência.

Sugere-se que o professor ou a professora ressalte que a deficiência não pode ser justificativa de segregação entre as pessoas. O estereótipo de que pessoas com deficiência auditiva estão delimitadas em um mundo de silêncio, que não são capazes de relacionarem-se com as pessoas em seu redor e, mesmo, lutar por cidadania, coloca as pessoas surdas, por exemplo, em um patamar inferior quando comparados às pessoas ouvintes. Em relação à representação da surdez como algo incompleto,

a leitura da surdez como falta está presente na história da surdez e dos surdos, contada a partir dos que ouvem: na literatura especializada, nos jornais, na televisão, no cinema etc. Nomeando, narrando, descrevendo a alteridade surda a partir de um viés faltante, os significados da normalidade mantêm e ampliam a fixação dos surdos como sujeitos inferiores aos que ouvem (THOMA, 2002, p. 244).

Como se pode observar na figura abaixo, a surdez é debatida, e suas possíveis causas são apresentadas naquela história. No quarto quadro, possíveis tratamentos também são exibidos. A sequência narrativa da história é didática, sendo fácil a compreensão sobre o tema da deficiência auditiva.



Figura 02 – Explicando a deficiência auditiva
Fonte: SOUSA, 2011

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) também é representada nas HQs da Turma da Mônica. Na figura 03, a mão do personagem Cascão aparece sinalizando as letras “O” e “I”, formando a palavra “oi”. Interessante notar como a Mônica, ignorante acerca da língua de sinais, já parte para violência, pensando em se tratar de alguma ofensa dirigida a ela. Pode-se refletir sobre como situações similares acontecem no cotidiano de pessoas com deficiência

auditiva, como o desconhecimento acerca dessa língua gera mal-entendidos e preconceitos. A Língua de Sinais não é um simples movimento manual a fim de possibilitar um diálogo entre pessoas surdas. Ela forma um conjunto linguístico estruturado, com regras definidas como as linguagens orais.



Figura 03 - Língua de sinais
Fonte: SOUSA, 2006, p. 39

Na edição especial sobre inclusão social (SOUSA, 2011), em determinado momento da HQ, apresenta-se o alfabeto na língua de sinais (figura 04). A forma lúdica em que o alfabeto é inserido na narrativa pode ser uma estratégia para se começar a trabalhar a Libras em sala de aula. Cabe aos docentes explicarem que as palavras em Libras não dependem das letras do alfabeto, como acontece na língua portuguesa, por exemplo, mas de sinalizações próprias, o que pode ajudar a desmistificar a língua e ajudar no processo de inclusão e comunicação de/com pessoas com deficiência auditiva.

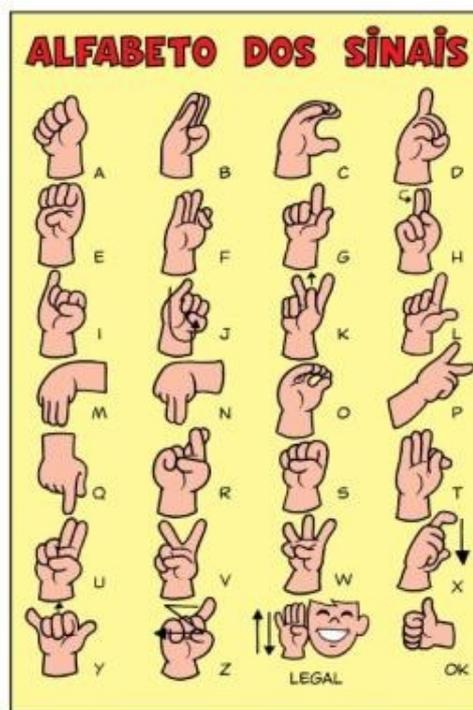


Figura 04 - Alfabeto de sinais

Fonte: SOUSA, 2011

A deficiência visual também é representada nas HQs da Turma da Mônica. A personagem Dorinha é uma personagem cega. Sua deficiência sempre é apresentada de maneira positiva. As dificuldades de se viver em uma sociedade de imagens não são lembradas. A intenção do autor das HQs, como na representação dos demais personagens com deficiência, é mostrar otimismo e, talvez, contribuir com a desconstrução de estereótipos de que pessoas com deficiência são tristes e deprimidas. Ainda que para isso, outros estereótipos sejam utilizados.

A menina com deficiência visual sempre está bem-humorada e otimista. Em sua primeira história, publicada em novembro de 2004, Dorinha rapidamente cria laços de amizade com a Turma. Ela se mostra serena com sua situação. Tem a companhia de um cão-guia, Radar. Além disso, mostra desenvoltura no uso de sua bengala dobrável.



Figura 05 – Enxergar diferente

Fonte: SOUSA, 2004b

A jovem está sempre na moda, costuma receber vários elogios. Suas vestimentas remetem a uma imagem de *hippie*, indicando alguém em harmonia, vivendo de forma pacífica e afetuosa. A personagem é cumprimentada pelos novos colegas e diante da surpresa de todos diante sua cegueira, afirma que não é deficiente, mas uma criança que contempla as coisas de forma diferente. Nunca é proibida de fazer parte das brincadeiras de seus colegas. O desenvolvimento das histórias pode ajudar os educadores e as educadoras a tratar da temática das deficiências em sala de aula, ajudando a desconstruir estereótipos e apresentando outros modos de vida.

De forma a representar alguma dificuldade no cotidiano de pessoas com deficiência visual, o autor apresenta consequências da falta de planejamento urbanístico adequado à inclusão de pessoas com deficiência visual e como este problema pode ser resolvido com medidas concretas a serem realizadas no espaço urbano.



Figura 06 – Planejamento urbano inclusivo

Fonte: SOUSA, 2011

Com a apresentação das dificuldades encontradas na locomoção de pessoas com deficiência visual, os leitores e leitoras começam a perceber situações ao seu redor antes despercebidas por não os afetar diretamente. A história em quadrinho lança luz para a importância de medidas inclusivas, o que evita acidentes e possibilita melhorar a qualidade de vida daqueles que precisam de transformações sociais e urbanas para uma melhor circulação no espaço.

O espectro autista também se torna um ponto de discussão com a participação do personagem André. Sua primeira aparição foi em 2003, na revista intitulada “Um amiguinho diferente”. Na figura 07, percebem-se as primeiras reações dos outros personagens quando lidam com a forma de André se portar diante de outras crianças. De início, seu jeito é confundido com falta de educação, até que sua irmã explica o porquê de o jovem agir como age.



Figura 07 - Autismo e comunicação

Fonte: SOUSA, 2003, p. 03

Alguns jovens e crianças do espectro autista possuem dificuldades em começar ou continuar uma conversação, além de desenvolverem o hábito de repetir palavras que ouvem, transtorno conhecido como ecolalia (MERGL; AZONI, 2015). Pode-se atentar para os embaraços que aparecem em uma interação social, tendo em vista que uma pessoa do espectro autista pode não saber como dar sentido ao que lhe é transmitido, não apenas oralmente, mas, por exemplo, nas mudanças de entonação vocal e em expressões faciais, como acontece com os personagens na figura 07, após manifestarem seu descontentamento com a indiferença de André, não recebem reação alguma por parte dele.

As HQs também trazem informações a respeito das características do Transtorno do Espectro Autista. Na história em quadrinhos em que o personagem André aparece (SOUSA, 2003), por exemplo, após conhecer as outras crianças, a irmã do menino lhes explica algumas particularidades dos hábitos de seu irmão com TEA (Transtorno do Espectro Autista), como pode ser visto na figura 08, abaixo, onde em cada quadro são apresentadas algumas das características do autismo.



Figura 08 - Explicando autismo

Fonte: SOUSA, 2003, p. 06

As narrativas das histórias procuram ser didáticas e diretas em suas explicações a respeito das deficiências. Trazem para o cotidiano dos leitores (em sua maioria jovens e crianças) experiências que podem contribuir para que se compreenda, desmistificando as interpretações e estereótipos difundidos na sociedade sobre as pessoas do espectro autista. A linguagem, escrita e imagética, no caso dos quadrinhos, é uma poderosa ferramenta para sanar dúvidas, desconstruir ideias preconceituosas e incentivar mais pessoas para a prática de uma inclusão eficiente no meio em que vivem.

As deficiências de mobilidade também são retratadas. Na figura 09, encontram-se os seguintes personagens: Mônica, Magali e Luca. O rapaz conta às meninas sobre os esportes que pratica, mesmo cadeirante, quando no terceiro quadro ele se oferece para lhes ensinar seu esporte favorito, o basquete. Pelas expressões faciais das jovens e o “jura?” dito por Mônica, elas estão empolgadas com o futuro ensinamento prometido por Luca.



Figura 09 - Disposição para ensinar
Fonte: SOUSA, 2004a

Na figura acima, o destaque da narrativa recai nas habilidades de Luca nos esportes. A história possibilita que se reconheça que ele é bom jogador no basquete e na natação, principais modalidades esportivas com as quais se relaciona. Nas narrativas, o jovem dificilmente não acerta a cesta de basquete. Quando decide apostar corrida com seus amigos, vence-os igualmente. Isso se deve, no entanto, ao fato de que as corridas são realizadas com o auxílio de cadeiras de rodas, dando algum tipo de vantagem ao menino, uma vez que está habituado a se locomover com cadeira de rodas. Assim, apresenta-se uma forma de equiparação entre o indivíduo com deficiência e o restante de seus amigos. Conseqüentemente, a deficiência compreendida como diferença é desconsiderada, o que autoriza a fundação de um contexto idealizado (por que não dizer utópico?), em que os personagens vivem em igualdade.

Nas histórias da Turma da Mônica, a deficiência não significa uma interdição de práticas corriqueiras, como os esportes, por exemplo. A emergência de discursos que assentem na inclusão de pessoas com deficiência nos esportes recebe mais visibilidade na sociedade, o que colabora com o estabelecimento de locais adequados e profissionais atentos com os processos de inclusão das pessoas com deficiência na área dos esportes.

Muitos apontamentos saltam aos olhos dos pesquisadores quando decidem explorar as HQs como um recurso pedagógico. Por esse motivo, na prática de ensino com as crianças em sala de aula, os professores e as professoras podem estimular um direcionamento quanto ao que se pretende com as histórias em quadrinhos, uma vez que se busca examinar como a arte

sequencial pode contribuir com a conscientização escolar quanto a inclusão social de pessoas com deficiência.

Além de toda complexidade no planejamento de aula, os educadores e educadoras também devem levar em consideração a estrutura da instituição de ensino, suas carências, seus recursos tecnológicos e o emprego de materiais didáticos. Todos esses apontamentos são anteriores às aulas e precisam ser esquadrihados com o intuito da instrução dos alunos e alunas. Somada a esses fatores, não se pode desconsiderar que a educação escolar brasileira é um produto fabricado como consequência de uma visão eurocêntrica, induzindo a manutenção de preconceitos e interpretações sobre o contexto brasileiro (MUNANGA, 2005). Com isso, pretende-se dizer que as desigualdades são naturalizadas. Os sujeitos com deficiência passam a ter suas limitações e experiências de exclusão também naturalizadas.

Conclusão

As questões ligadas à exclusão/inclusão escolar têm sido analisadas, regularmente, tanto por educadores e educadoras bem como por pesquisadores e pesquisadoras da área da educação. Desse modo, a instituição escolar seria um dos espaços para romper com muitos preconceitos, uma vez que poderia propiciar circunstâncias de afirmação, de aprendizado e de transformação as quais remetem às identidades e aos antagonismos presentes na sociedade (MUNANGA, 2005; CROCHIK, 2012). Entretanto, contrariamente, o que se encontra são situações de ignorância quanto às deficiências, causando, muitas vezes, segregação de alunos e alunas no espaço escolar.

As narrativas da Turma da Mônica, de algum modo, retratam as situações de exclusão social de pessoas com deficiência. As identidades dos indivíduos com deficiência são destacadas na tentativa intencional de reprimir o preconceito e o descaso. As discussões por meio de textos ou exposições orais podem não ser suficientes para estimular os alunos e alunas a alguma mobilização, contudo, as imagens inseridas nas HQs trazem consigo potencialidades que apenas o imagético tem (VERGUEIRO, 2009a). As imagens incitam, são memorizadas e trazem experiências que se aproximam de quem as observa.

A compreensão da importância da inclusão de pessoas com deficiência precisa ser um componente presente no processo educativo. As crianças, no geral, são dinâmicas e curiosas; logo, o ensino assentado em materiais, além dos livros didáticos, exercem uma função importante no processo de ensino infantil. Quando alunos e alunas se mostram receptivos às histórias em quadrinhos, pode-se aproveitar esta oportunidade também para apresentar as

questões de inclusão. Podem comentar sobre as situações de exclusão que encontram, o que pode servir como comunicação para adultos.

A inclusão de pessoas com deficiência foi apontada nas narrativas das histórias em quadrinhos e sugerida como tema a ser tratado durante a leitura das histórias. Por meio das imagens que compõem as histórias, a exclusão e o preconceito não se mantêm, portanto, as narrativas da Turma da Mônica buscam desconstruir o senso comum, apresentando soluções para a participação inclusiva de diferentes indivíduos no espaço em que se vive.

Para o campo da educação, esta pesquisa instiga o emprego de recursos didáticos em sala de aula. Dentre eles, ressaltam-se as HQs que funcionam como uma estratégia alternativa para se aproximar do universo de interesse dos alunos e discutir questões de relevância social. Com as sugestões propostas, as histórias em quadrinhos possibilitam que se potencialize o senso crítico dos alunos e das alunas, criando formas de atuarem ativamente nos assuntos referentes à inclusão de pessoas com deficiência.

Referências

BEZERRA, G. A inclusão escolar de alunos com deficiência: uma leitura baseada em Pierre Bourdieu. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 69, abr.-jun. 2017. pp. 475 – 497.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARDOSO, I. **Surdo-Mudo ou Mudo, Deficiente Auditivo ou Surdo**: Qual dessas terminologias pode-se adotar? 2016. Disponível em <http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20REVISTA%2017%20Israel%20Gon%C3%A7alves%20Cardoso.pdf> Acesso 22 jun. 2020.

CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. Campinas: Papirus, 2006.

COSTA, V. Formação de professores e educação inclusiva frente às demandas humanas e sociais: para quê? In: MIRANDA, T.; GALVÃO FILHO, T. (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, prática e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 89 – 110.

CROCHIK, J. Educação inclusiva e preconceito: desafios para a prática pedagógica. In: MIRANDA, T.; GALVÃO FILHO, T. (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva**: formação, prática e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 39 – 60.

DALL'AGNOL, D. **Educação e representações de deficiência na turma da Mônica, de Maurício de Souza**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008.

MENDES, M.R.S. (1990/1) **El Papel Educativo de los Comics Infantiles**: (Análisis de los Estereotipos Sexuales). Tese de Doutorado, Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

MERGL, M.; AZONI, C. Tipo de ecolalia em crianças com transtorno do espectro autista. **Rev. CEFAC**. Nov-Dez; 17(6), 2015.

MPPR. **Mônica recebe título de Embaixadora do UNICEF**. 2007. Disponível em <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-378.html> . Acesso em 30 jun. 2020.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NORTON, B. The motivating power of comic books: Insights from Archie comic readers. **The Reading Teacher**, 57 (2), 2003, 140-147.

SANTOS, S. **O lúdico na formação do educador**. 5ª ed. Vozes: Petrópolis, 2002.

SARACENI, M. **The language of comics**. Londres: Routledge, 2003.

SILVA, T. (Org). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 24, n.2, jul./dez. 1999.

THOMA, A. **O cinema e a flutuação das representações surdas** - "Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva..." 2002. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). **Muito além dos quadrinhos**: análises e reflexões sobre a 9ª Arte. 1ª Edição. São Paulo. Devir Livraria. 2009a.

_____. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009b.

VERGUEIRO, W.; RAMA, Â.; (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Histórias em quadrinhos

SOUSA, M. **A Turma da Mônica** - Um amiguinho diferente. São Paulo: Instituto Cultural Mauricio de Sousa, 2003.

SOUSA, M. **Turma da Mônica** – um menino sobre rodas. São Paulo: Globo, 2004a.

SOUSA, M. **Turma da Mônica**. nº 221. São Paulo: Globo, 2004b.

SOUSA, M. **Turma da Mônica**. nº 239. São Paulo: Globo, 2006.

SOUSA, M. **Turma da Mônica** – inclusão social. São Paulo: Panini, 2011.